

Entre os Estados Unidos e a Alemanha: o conflito entre vertentes das Igrejas Luteranas no estado do Espírito Santo (1886-1929)

Rodrigo Pereira¹

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i22.26593

Resumo: O artigo aborda a formação do luteranismo no Brasil no final do século XIX e século XX tendo o estado do Espírito Santo como exemplo. Explanamos sobre a cisão entre duas linhas teológicas do protestantismo alemão em meados do século XIX: os pastores unionistas e pastores confessionais luteranos. A divisão levou a formação de um Sínodo Luterano nos Estados Unidos, resultado da imigração de pastores e populações que não aceitavam tal tendência unionista. Ao mesmo tempo, houve formação de igrejas independentes na Alemanha que estavam mais próximas ou mais afastadas dos debates e das interrelações entre Calvino e Lutero. Em seguida, no contexto dos fluxos migratórios germânicos para o Brasil, abordaremos a fundação de sínodos luteranos dessas linhas e que entraram em conflitos sobre o comando das igrejas e membros. A partir da análise histórica de fontes primárias e secundárias analisaremos como se deu esse litígio no Espírito Santo.

Palavras chaves: Imigração alemã; Teologia Luterana; Conflitos religiosos; Brasil; Estado do Espírito Santo.

Between the United States and Germany: the conflict between aspects of Lutheran churches in the state of Espírito Santo (1886-1929)

Abstract: The article discusses the formation of Lutheranism in Brazil in the late nineteenth and twentieth century with the state of the Holy Spirit as an example. Expounded on the split between two theological lines of German Protestantism in the mid-nineteenth century: unionists pastors and denominational Lutheran pastors. The division led to the formation of a Lutheran Synod in the United States because of immigration pastors and people who did not accept such unionist trend. At the same time, the formation of independent churches in Germany that were closer to or further away from debates and interrelationships between Calvin and Luther. Then, in the context of the German migration to Brazil, we will approach the Lutheran synods foundation of these lines and which came into conflict over the control of churches and members. From the historical analysis of primary and secondary sources, analyze how this litigation in the Espírito Santo was.

Key words: German immigration; Lutheran theology; Religious conflicts; Brazil; State of the Espírito Santo

¹ Bacharel e Licenciado Pleno em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Ciências Sociais (Antropologia) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ). Doutorando em /Arqueologia Univerisidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: rodrigopereira.cso@uol.com.br

Recebido em 11/02/2014 - Aprovado em 19/04/2015

A antropologia histórica como contextualizadora dos debates historiográficos sobre a formação das vertentes luteranas no Brasil e Espírito Santo

O processo histórico da formação do protestantismo brasileiro pode ser pensado como algo linear, sem conflitos e gradual ao longo da segunda metade século XIX até os anos de 1970. Seria comum termos a ideia de que cada denominação adentrou o Brasil e se inseriu em contextos regionais que lhe fossem mais propícios para seus desenvolvimentos, como por exemplo a Igreja Assembleia de Deus (FAJARDO, 2012; BITUN, 2009) .

Contudo, para o caso do luteranismo, uma das religiões protestantes mais antigas no Brasil, podemos perceber a formação de uma arena de conflitos em seu desenvolvimento. Como desenvolveremos a seguir, a formação de "alas" ou de vertentes teológicas apresenta um campo de interesses e de identidades que se chocaram ao longo do desenvolvimento da imigração e mesmo junto aos descontentes dos imigrantes alemães. Nestes termos, cultura e história se entrelaçam para a formação de uma historiografia do luteranismo no Brasil e no Espírito Santo (foco do artigo).

Assim, a cultura existe em movimento, e isto equivale a dizer que ela é histórica - ao mesmo tempo produto e produtora da história. Os atores sociais não apenas reproduzem ou reencenam a cultura, mas também a reinterpretam e dela se reapropriam de diversos modos no contexto das relações sociais e de poder (BOURDIEU, 1990; GUPTA & FERGUSON, 1997).

Antes de prosseguir, deve-se esclarecer o que temos em vista ao organizar um texto em torno dos temas cultura e história. Parte-se da proposição de que os dois conceitos só podem ser definidos de maneira imprecisa, pois ambos apresentam sérios problemas de fronteiras, escala e perspectiva. Isto faz com que uma definição mais estreita seja não somente injustificável como indesejável. Estes conceitos são apenas um ponto de partida, um meio de direcionar nossa atenção para os temas que consideramos centrais: o que fez os luteranos serem o que são, e como isso aconteceu. Sendo assim, toma-se cultura, numa definição aproximada, como "a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos" (SAHLINS, 1997, p. 41). "Falar de antropologia da história", segundo Marshal Sahlins, um dos principais arquitetos da antropologia histórica contemporânea, "é sugerir uma antropologia de um certo tipo: uma disciplina sintética no mais amplo sentido" (SAHLINS, 1992, p. 1).

Reconhecer que a cultura é mediada pela história, ou, inversamente, que a história é mediada pela cultura, não implica sugerir que as duas são uma única e mesma coisa. Se a cultura é a organização do presente em termos do passado, como diz Sahlins, então poderíamos ver a história como a organização do passado em termos do presente. Todo conhecimento é construído (ou desconstruído e reconstruído) no presente: não existe o passado "real" que possa simplesmente ser desenterrado ou desvelado pela aplicação de uma metodologia apropriada. Existem formas alternativas de se conhecer o

passado e de se conhecer o presente, e estas, se algumas vezes complementares, são às vezes contrastantes e conflitivas. A visão da história, como a da cultura, não depende apenas da perspectiva, mas também da escala: o que se apresenta apropriado e essencial em um nível de análise pode ser invisível, estéril ou irrelevante em outro. A história, sendo a busca do entendimento do passado ou do presente, "não implica nenhum credo; não nos compromete a nada além da investigação" (BLOCH, 1953, p. 20).

Para resolver problemas históricos não podemos apenas "espremer" ainda mais nossos dados etnográficos - ou seja, perscrutar mais profundamente o presente; é preciso também abordar o passado. Fazer história requer, portanto, a articulação entre uma história objetiva - a história dos objetos (artefatos e textos) - e uma história subjetiva - representada nos corpos, nas ações, na memória e nos saberes dos próprios sujeitos (aqui os luteranos). Porém, construir pontes entre diferentes abordagens analíticas e entre diversas escalas espaciais e temporais é algo mais difícil de fazer do que de dizer. A tarefa é ainda mais árdua, uma vez que ao mudar escala e perspectiva mudam também as fronteiras e as questões com as quais podemos nos haver, para não falar dos problemas, tantas vezes desalentadores, de comparabilidade e visibilidade entre diferentes níveis de análise.

Vale nos a reflexão de que a história é essencial na construção de identidades coletivas e é também um elemento chave nas estratégias contemporâneas de manutenção de nossa identidade e preservação de nosso patrimônio cultural material e imaterial (ou, pelo menos, deveria ser).

Aspectos teológicos e históricos da formação do luteranismo na Alemanha

Apesar de ter se tornado Doutor em Artes com apenas 21 anos (em 1505), pela Universidade de Eisenach, Martinho Lutero, filho de uma família de pequenos burgueses de Eisleben, logo dedicou sua vida à teologia. Mito ou realidade, sua biografia conta que após a morte súbita de um amigo e de ter passado por uma grave tempestade atemorizada, decidiu torna-se um monge (HASSE, 1986).

Já em 1507 (com 23 anos) Lutero tornava-se sacerdote e foi designado como professor de Teologia para a Universidade da cidade de Wittenberg. Após uma visita a Roma, Lutero percebe a degradação da Igreja Católica, principalmente no tocante a questão das indulgências – ofertas de dinheiro ou compra de títulos emitidos pela Igreja que asseguravam que uma determinada pessoa já falecida iria para o céu a partir da compra daquele documento².

Ao retornar a Alemanha e após receber o título de doutor em Teologia por Wittenberg, Lutero passa a pregar em seus cultos na catedral da cidade uma postura diferenciada da teologia católica tradicional. O ápice de sua discordância com o catolicismo se dá em 31 de outubro de 1517 quando, na porta da Catedral de Wittenberg,

² É válido lembrar que as indulgências e o dinheiro que as mesmas rendiam foram usadas para a construção do conjunto arquitetônico do Vaticano, já que o mesmo não possuía tanto erário neste período para o pagamento de pintores, escultores e arquitetos, recorrendo assim a um dinheiro vindo do povo por meio das indulgências.

Lutera afixa 95 teses que contradiziam vários aspectos do catolicismo, principalmente as indulgências (HASSE, 1986; HÄGGLUND, 1999).

Ao se opor a Roma, Lutero inicia um longo conflito com o então Papa Leão X. Ocorre, logo de início, uma ameaça de excomunhão, caso Lutero não se tratasse. Fato que não ocorre. Martinho Lutero então é convocado, em 1521, a comparecer a Dieta de Worms (reunião das principais autoridades religiosas da Igreja e da aproximada região da atual Alemanha). Nessa reunião Lutero é intimado a se retratar, o que ele não acata: "Lutero deixa ver claramente que rompeu com o conceito romano dos sacramentos, bem como com o sistema monacal. Assim fazendo atacou também alguns dos fundamentos mais importantes da cultura medieval (HÄGGLUND, 1999, p. 183).

Lutero é declarado fora da lei, sendo permitido a qualquer cidadão matá-lo e não sofrer nenhuma penalidade da lei. No retorno a Wittenberg ele é "sequestrado" pelo regente de Wartburg (que apoiava principalmente suas ideias sobre a nacionalização das terras alemãs que eram de posse da Igreja Católica), ficando ali escondido por um ano. Foi a solução encontrada para que o monge não fosse morto. Não só o regente de Wartburg apoiava-o, mas boa parte da nobreza alemã que não concordava com os altos impostos e domínio das terras pela Igreja Católica (LUTERO, 1996).

É nesse período de um ano que Lutero fica em Wartburg que traduz do latim para o alemão o conjunto de livros da bíblia do novo testamento. Com o advento da imprensa com Gutenberg, logo boa parte da burguesia e do campesinato alemão teve acesso a bíblia. Ressalta-se aqui que Lutero foi o primeiro a traduzir para uma língua que não fosse o latim partes da bíblia, o que pode, por este olhar, proporcionar ao povo alemão da época uma nova visão da bíblia e do cristianismo. Basta lembrar-se que as missas eram ministradas em sua totalidade em latim e que poucos eram os que sabiam falar e ler tal língua (mesmo entre a nobreza e a burguesia emergente na Alemanha).

Em 1530 Lutero publica a Confissão de Augsburg onde defendia os principais pontos de desacordo com a Igreja Católica e postulava o que seria uma nova visão teológica. Para efeito deste estudo nos concentraremos na doutrina relacionada à Santa Ceia: Ponto impactante de divisão tanto entre Lutero e a Igreja Católica, quanto entre ele e o Calvinismo:

Lutero atacou doutrina católica romana da ceia do Senhor nos três pontos seguintes: (1) recusa do cálice aos leigos. Isto é contrário à instituição de Cristo e se baseia em certas especulações insustentáveis sobre o que se encontra em cada um dos elementos, a saber, que tanto o corpo como o sangue se encontram tanto no pão como no vinho. (2) a doutrina da transubstanciação, a ideia que o pão e o vinho são alterados, que perdem sua substância natural. Essa teoria não tem apoio na Escritura. Não há motivo para supor que o pão deixe de ser o que é por natureza, a saber, pão. (3) o sacrifício na missa, pelo qual a missa é

transformada em obra humana e em parte profana, tornando-se mero negócio (Geschäft). A ceia do Senhor não é feito realizado por homens para conseguirem expiação junto a Deus. [...] Embora Lutero rejeitasse a transubstanciação, manteve a doutrina da presença real no sacramento do altar. O pão e o vinho pelo poder da Palavra e da instituição divina, são o verdadeiro corpo e sangue de Cristo dados sob a forma de pão e vinho [doutrina da consubstanciação]. (HÄGGLUND, 1999, p. 204-205).

Eis um dos pontos da separação final entre Católicos e Protestantes (nome dado pelo Papa Leão X aos adeptos das ideias de Lutero que passaram a sempre “protestar” contra a Igreja Católica). O Imperador do Sacro Império alemão Carlos V (1519-1556), após perceber a defesa de Lutero e o poder que o mesmo exercia junto ao povo e a nobreza alemã, passa a aceitar o luteranismo como religião: "A religião protestante foi reconhecida com igualdade de direitos ao lado da católica, selando-se desta maneira a divisão religiosa da Alemanha" (PERFIL DA ALEMANHA, 2000, p. 98).

Instaurava-se assim a Reforma Protestante na Europa. Na Alemanha decidiu-se que cada nobre, dentro de suas terras, teria poder decisório de manter-se católico ou passar para o luteranismo, sendo permitido as pessoas migrarem para outras regiões caso a religião escolhida não fosse de sua confissão. Desta forma a Alemanha divide-se entre Católicos e Luteranos, chegando-se a 80% de luteranos nesse período contra 20% de católicos (PERFIL DA ALEMANHA, 2000, p. 98). Contudo, as divergências religiosas são mantidas ao instaura-se a Guerra dos Trinta Anos entre católicos e Protestantes, não só na Alemanha, mas por parte da Europa. Entre 1618 a 1648 o continente viveu intensos conflitos entre os adeptos do catolicismo e os protestantes (já que além de Lutero aparecia agora em cena Calvino, realizando uma reforma semelhante na região da Suíça).

A guerra tem fim em 1648 com a Paz de Westfália, nela

A Alemanha perdeu parte de seu território para a França e a Suécia; e foi confirmado no desmembramento da Suíça e da Holanda do império. Ela concedia aos Estados do império todos os direitos essenciais de soberania em questões religiosas e profanas e permitia-lhes celebrar alianças com parceiros internacionais. (PERFIL DA ALEMANHA, 2000, p. 98).

Um fato merece destaque neste momento, mesmo após a paz instaurada na Alemanha formam-se dois blocos político-religiosos: A União protestante (1608) e a Liga Católica (1609). Futuramente será dessa cisão que nascerão as divergências internas dentro do luteranismo.

Voltando-se anos antes da morte de Lutero em 1546, é de suma importância compreender que o reformador alemão tenta um acordo teológico com Zwinglio e Calvino na Suíça, líderes da reforma protestante naquela região, a fim de unificar as duas vertentes reformistas na Europa Central³. Contudo, não há um acordo entre as partes, principalmente no tocante a Ceia do Senhor (Santa Ceia):

Calvino e Zwinglio representavam o conceito espiritualista ou simbólico da ceia do Senhor. Diziam que os elementos externos são apenas simbólicos das realidades celestiais, puramente espirituais, às quais a fé é dirigida. Não podemos, portanto, falar de presença material ou física, mas apenas de ação simbólica, em cuja celebração a comunhão com Cristo celestial é fator decisivo. Zwinglio interpretou o **est** da fórmula da instituição como **significat**: 'isto significa meu corpo e sangue'. Lutero examinou o apoio exegético para esta interpretação, e asseverou que a palavra **est** deve manter seu sentido direto e simples, mesmo que a razão se ofenda com isto. Assim como a afirmação se encontra na Escritura indica que o corpo e sangue de Cristo estão presentes no sacramento não em sentido figurado, mas como realidade, em sua essência [grifos do autor]. (HÄGGLUND, 1999, p. 206).

Assim, não conseguindo unificar os movimentos de reforma, Lutero e Calvino seguiram separadamente com suas igrejas e teologias. Contudo, pela proximidade geográfica, linguística e cultural, ambas igrejas perpassaram as fronteiras dos estados alemães e da Suíça, implantando-se em territórios opostos aos de sua formação. É também nessa tramitação cultural da igreja é que encontra-se a origem do problema de divergência religiosa aqui estudada.

Desta maneira, a divisão religiosa alemã configura-se da seguinte forma: luteranos principalmente nos reinos e principados do norte da Alemanha; os católicos no sul germânico, na Áustria e parte da Suíça; e os calvinistas em grande parte da Suíça e, em pequeno número, principalmente na região renana da Alemanha.

A partir da década de 1850 a Prússia, então o Estado mais forte do antigo Sacro Império Alemão inicia uma política expansionista visando a unificação territorial dos reinos de língua alemã. Liderado por Otto Von Bismarck, a Alemanha torna-se um país

³ No mesmo período Henrique VIII na Inglaterra rompe com a Igreja Católica, tornado a Igreja uma instituição estatal pela não permissão papal da separação dele com Catarina de Aragão, a qual não lhe dava filhos homens. Henrique VIII desejava-se casar com Ana Bolena na tentativa de manter a linha sucessória masculina na Inglaterra. O fato interessante é que, mesmo estando no contexto da Reforma protestante, o que se percebe é que Henrique VIII torna apenas a Igreja Católica uma instituição sob a jurisdição do Estado e não altera consideravelmente a teologia ou a organização eclesiástica no Reino Unido (a exceção da Irlanda que mantém-se católica).

em 18 de janeiro de 1871. Considerado como um Chanceler do Rei Guilherme I Prússia, Bismarck governou dezenove anos com uma política de paz e de alianças, procurando dar ao império uma posição forte dentro da nova constelação de forças da Europa (PERFIL DA ALEMENHA, 2000. p. 106).

Anos antes, em 1817 quando a Alemanha não havia se unificado, Frederico Guilherme III da Prússia, decretou que em seu reino os luteranos e os calvinistas deveriam se unir na “Igreja Evangélica Unida”, contra o protesto da maioria das congregações e pastores luteranos. Conforme Steyer:

A 'União Prussiana' fora decretada pelo rei [...] por ocasião da passagem dos 300 anos da Reforma (1517-1817). [...] Era esperança do rei da Prússia que as duas igrejas – Igreja Luterana e Igreja Reformada (Calvinista) –, com o tempo, esquecessem as suas diferenças e se tornassem uma única igreja sob o nome genérico de Evangélicos (STEYER, 1999. p. 19).

Após a unificação alemã tal união entre calvinistas e luteranos se expande para toda a Alemanha, gerando desta forma três situações: a criação do Oberkirchenrat (sede da Igreja Unida da Alemanha), o Gotteskasten Synode (Igreja Luterana Livre da Baviera, que de início não se filiou ao Oberkirchenrat) e por fim, em 1847, um grande grupo de luteranos, inconformados com a unificação com o calvinismo e liderados pelos seus pastores, pedem autorização para imigrarem para os Estados Unidos estabelecendo-se no estado do Missouri. Na América no Norte fundaram uma nova organização religiosa luterana denominada de Sínodo Evangélico Luterano de Missouri (Deutsche Evangelisch-Lutherische Synode Von Missouri, Ohio und anderen Staaten – Sínodo Evangélico Luterano alemão de Missouri, Ohio e outros estados⁴).

Dois pontos merecem destaque aqui: o termo evangélico cunhado pela igreja luterana nos Estados Unidos (e também na Alemanha) é usado para identificar as igrejas confessionais do evangelho e das palavras de Cristo, contra, principalmente, as igrejas de cunho pentecostal que começavam a surgir na Europa e nos Estados Unidos. Outro fator é que a imigração só é autorizada aos alemães mediante a formação de nova igreja e o deslocamento dos pastores luteranos não unionistas inconformados com a situação alemã. Assim, mesmo formando um novo sínodo (estrutura organizacional das igrejas luteranas onde há uma diretoria nacional e vários distritos formados por igrejas filiadas a este sínodo), nota-se grande divergência entre os luteranos alemães (unionistas) e os agora americanos (confessionais luteranos).

A formação e fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana No Brasil (IECLB)

⁴ Hoje denominado de Lutheran Church – Missouri Synod – LCM – Igreja Luterana – Sínodo de Missouri.

Neste conturbado contexto religioso é que já havia se iniciado a imigração de alemães para o Brasil em 1818 (com mínima expressão) e em anos subsequentes (principalmente 1824, 1847 e 1857) para o sul do país (principalmente para o Rio Grande do Sul) e depois para o sudeste. Para o caso da região sudeste, o foco da imigração centrava-se as regiões serranas do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Conforme Fouquet (1974), teriam chegado ao Brasil um total de 230.000 alemães entre os anos de 1851 a 1950, sendo considerado por ele a data retroativa a 1808 (abertura dos portos brasileiros por Dom João) impossível de se mensurar, devido a imigração mínima ou inexistente, bem como posteriormente a década de 1950 (período, já no século XX, quando o autor encerra seu recorte histórico de análise).

De qualquer forma, além dos italianos (maior grupo de imigrantes no Brasil), os alemães representavam um número extremamente grande para a formação social do país: 2% conforme as pesquisas de Fouquet (1974):

Com alguma segurança apenas se pode afirmar que o grupo mais numeroso está no Rio Grande do Sul, seguido de Santa Catarina. Em terceiro lugar deverá vir o do Paraná, sendo que o grupo fixado em São Paulo ocupa o quarto lugar, seguido pelo Espírito Santo, lugar em que há de 80 a 100.000 alemães ou descendentes. É este último estado o único para o qual estimativas fidedignas são possíveis. Nos demais estados há também alemães que, em grupos ou isoladamente, fazem parte tanto da população urbana quanto rural (FOUQUET, 1974, p. 18).

Conforme Rehfeldt (2003) os primeiros imigrantes alemães a chegarem ao Rio Grande Sul datam de 25 de julho de 1824, sendo acrescentados cerca de 4 mil alemães nos cinco anos seguintes. Dali houve grande expansão para a região norte, central e sul do estado, sendo em sua maioria imigrante originários da Renânia e da Pomerânia.

Ao analisar-se os motivos que levaram os pomeranos a imigrarem para o Espírito Santo a partir de 1857 temos o mesmo motivo que os alemães para o sul do Brasil em 1824: a busca de terras para a agricultura. Aranha (2002) afirma que muitos vieram em busca de seu Canaã - o local que emana leite e mel -, ou seja, da terra negada a ele na Alemanha em franco desenvolvimento industrial.

Tudo aponta para que esta população que se deslocou para o Brasil fosse, quase que na totalidade, composta por camponeses recém saídos da condição de servos. No século XIX na Alemanha, a mão de obra rural fora colocada em uma base contratual pelas reformas do início do século XIX, tornando-se os junkers, grandes proprietários de terras da Prússia. Sobre a situação destes servos destaca Hobsbawn (1977, p.169): “que por muito tempo tinham cultivado para o mercado de exportação com mão de obra servil, passaram a trabalhar com camponeses ‘libertos’ da servidão e da terra”.

De imediato, uma das leituras possíveis que pode ser feita é que ao imigrarem para as novas terras os alemães escolhem uma via diferente de luta para alcançar a liberdade. Assim, parece que se pode ler na conformação à imigração - um aparente conformismo às condições sociais de existência - a prática de um ato de resistência para manter o sonho de liberdade. Pois com a mudança para as terras recém adquiridas, eles puderam carrear para toda uma rede de parentesco que se instala na faixa de terra legitimamente adquirida - prestígio, legitimidade e recursos que são usados como instrumentos para garantir-lhes a dignidade e a liberdade.

Junto dos imigrantes que chegaram ao sul do país destacam-se os nomes dos pastores J. G. Ehlers (em 1824) e Carlos L. Voges (em 1825). Nesse período o Oberkirchenrat de Berlim ainda não se sensibilizara com os imigrantes, por isso os pastores que para cá vieram o faziam por conta própria. Vários grupos de imigrantes ficaram assim por anos sem serviços religiosos, tendo em suas lideranças locais a figura religiosa (GRÜTZMANN, 2002).

Contudo, em 1863 Von Eichmann, embaixador da Prússia, visitou o Rio Grande do Sul e recebe dos imigrantes e seus descendentes um pedido formal de envio de pastores para o Brasil. Em contato com o Evangelischer Oberkirchenrat, Von Eichmann consegue o envio do pastor Hermann Bochart. Ao chegar ao Brasil Bochart recebe o apoio do Comitê para protestantes Alemães no Brasil, fundado por Eabri de Barmen. Tal comitê, em anos subsequentes, conseguiu que Berlim, Basiléia e Crischna enviassem mais pastores para a missão no Brasil (STEYER, 1999).

Em 1868 Bochart encontra-se com outros pastores na finalidade de fundar um sínodo no Brasil. Contudo, até 1870 nada conseguiu, deixando o trabalho no Rio Grande do Sul e retornando a Alemanha. Em 1874 o pastor Wilhelm Rotermund assume a igreja de São Leopoldo, avocando também o *Boten von São Leopoldo* (Jornal de São Leopoldo) que passa-se a chamar de *Deutsche Post* (Correio Alemão). Em anos posteriores este jornal daria origem a Editora Sinodal (Editora do futuro Sínodo Rio-Grandense). Por ideia de Rotermund, em 1886, vários pastores que serviam as comunidades de imigrantes alemães se reúnem em São Leopoldo. Há uma forte conversação entre os dias 19 e 20 de maio daquele ano, sendo então decidido fundar o Sínodo Rio-Grandense no mesmo dia 20 de 1886 (STEYER, 1999).

De início houve um impasse: o sínodo seria unionista ou confessional luterano. De um lado ficou o pastor J. F. Brutschin na defesa do confessionalismo evangélico luterano, do outro todos os demais pastores que penderam para o unionismo devido a sua formação na Alemanha. Conforme Steyer (1999) prevaleceu o tom unionista no recém formado sínodo. Assim, formava-se a primeira organização sinodal luterana de pastores no Brasil.

Sobre o Gotteskasten Synode (da Baviera), uma das igrejas que havia se negado a compor a igreja unificada na Alemanha no século XIX (tornando-se independente da organização central de Berlim), é importante ressaltar que o início dos trabalhos no Brasil se deu em meados de 1897 com a fundação do Sínodo de mesmo nome denominado de

Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Desta forma dois sínodos de origem luterana atuavam no Brasil⁵.

O Sínodo Evangélico Luterano de Missouri tem abertura para trabalhar no Brasil quando o pastor J. F. Brutschin, que atendera em São Leopoldo como pastor assistente de Bochart, se mudou para Novo Hamburgo começando ali o trabalho na igreja e na formação de uma escola. O pastor, devido ao caráter unionista assumido pelos demais pastores, decide se desligar do Sínodo Rio-Grandense. Nesse período J. F. Brutschin já mantinha correspondências com colegas seu de seminário que se filiaram ao Sínodo Evangélico Luterano de Missouri. A partir deles é que J. F. Brutschin tem acesso ao periódico *Der Lutheraner* e por meio dele que pede o envio de um pastor confessional luterano para sua comunidade, tendo em vista seu desejo de retorno para a Alemanha devido a sua situação de saúde instável (REHFELDT, 2003).

Seu pedido é enviado em 1899 ao Departamento de Missão Interna do Sínodo de Missouri. O pedido de J. F. Brutschin chega aos Estados Unidos no contexto da realização da Convenção Sinodal em abril de 1899 onde se votou a favor do início do trabalho em terras brasileiras, não apenas pelo envio da carta de J. F. Brutschin, mas também pela necessidade espiritual de pastores para os imigrantes brasileiros colocada pelos dirigentes do Sínodo Evangélico Luterano de Missouri em reunião.

Não se deve esquecer que “a maioria dos membros do Sínodo de Missouri, na época, era de origem germânica e que a língua nessa mesma Convenção era, ainda o alemão” (REHFELDT, 2003, p. 31). Sendo mera ligação identitária germânica ou alguma possível ligação com a política expansionista norte-americana no final do século XIX, o fato é que o Brasil tornou-se um campo de trabalho promissor, mas ainda muito incerto para o Sínodo Evangélico Luterano de Missouri.

No mesmo ano no mês de novembro o Departamento de Missão Interna Norte Americana escreveu um comunicado às igrejas luteranas dos Estados Unidos sobre a decisão de iniciar uma prospecção de trabalho no Brasil, incentivando-as a ofertarem para a missão. No fim do mesmo ano o tesoureiro das igrejas luteranas do Distrito Oeste enviou para o Departamento de Missão Interna 2 mil dólares para dar início ao trabalho no Brasil (REHFELDT, 2003).

Escolheu-se o pastor C. J. Broders em 1900 para realizar um prospecto sobre os trabalhos do Sínodo Evangélico Luterano de Missouri no Brasil. Ele chega ao Rio Grande do sul em 28 de março de 1900, sendo recebido então por J. F. Brutschin. De início a impressão que C. J. Broders tem é de um povo em que era comum o consumo de cachaça, a dança e o não zelo pelos assuntos religiosos (REHFELDT, 2003).

Iniciada suas viagens de reconhecimento do Rio Grande do Sul, C. J. Broders encontra tanto comunidades sem pastores como pessoas confessionais luteranas, o que lhe leva a escrever aos Estados Unidos recomendando o urgente início do trabalho

⁵ O termo Gotteskasten pode ser traduzido como Caixa de Deus. Para a manutenção de sua estrutura sinodal e das missões pelo mundo, as igrejas bávaras passaram a utilizar-se de pequenas caixas colocadas na saída da igreja para que os membros ofertassem valores destinados às missões e a manutenção da estrutura da igreja.

missionário naquele estado. Após a prospecção, C. J. Broders retorna para os Estados Unidos.

Em 1901 chega ao Brasil o pastor Carl Wilhelm G. Mahler, com esposa e filhos, sendo instalado na igreja de São Pedro, em Pelotas, em 31 de março do mesmo ano. Dá-se início ao trabalho missionário americano no Brasil. Mahler inicia a expansão da missão em outros sentidos geográficos. Um exemplo é descrito por Steyer (1999):

Enquanto o pastor Mahler ponderava sobre o futuro do Sínodo De Missouri no Rio Grande do Sul, chegava-lhe inesperadamente uma carta. Era da família Wagner, ex-membro da Congregação Evangélica Luterana São João, de São Pedro, que se havia mudado para Rincão dos Valos (hoje Fortaleza dos Valos), na época pertencente ao município de Cruz Alta, RS. Foram à procura de melhores terras. Visto que na região o Sínodo de Missouri ainda não se achava representado por nenhuma congregação, logo recolheram assinaturas, num total de 20 famílias, e solicitaram a vinda do pastor Mahler para entre eles fundar uma congregação (...). Mahler atendeu a este pedido imediatamente, pois viu nele a abertura de uma nova frente de trabalho pastoral (STEYER, 1999, p. 45).

Logo em seguida as comunidades de Santa Eulália e Santa Coleta também solicitaram pastores ao Sínodo Evangélico Luterano de Missouri. Sendo logo enviado dois pastores para as respectivas igrejas. Pouco a pouco o Sínodo Evangélico Luterano de Missouri achava espaço em comunidades onde havia luteranos, mas sem congregações organizadas ou pastores ordenados. De forma semelhante, os pastores se dirigiam para locais onde foram chamados pelos próprios imigrantes ou em comunidades que se decidiam por desligar-se do Sínodo Rio-Grandense (REHFELDT, 2003).

A última justificativa não passa despercebida pelo Sínodo Rio-Grandense que acusa o Sínodo Evangélico Luterano de Missouri de pescar em aquário alheio (conforme defende nas entrelinhas STEYER, 1999 e REHFELDT, 2003 e os próprios periódicos do Sínodo Rio-Grandense da época⁶).

Em 1903 há a ideia entre as congregações filiadas ao Sínodo Evangélico Luterano de Missouri da criação de um seminário para a formação de pastores e professores para o auxílio da igreja americana no Brasil. O local escolhido foi a comunidade de Bom Jesus. A escola foi alocada numa “ponta de estábulo que existia na

⁶ Conforme Rehfeldt, (2003, p. 69): "Na Alemanha, certos periódicos equiparavam os pastores do Sínodo de Missouri com Jesuítas. Nos periódicos *Christliche Welt* e *Evangelisches Gemeindeblatt fuer die La Plata Synode* foi dito que o trabalho do Sínodo de Missouri era um resultado da Doutrina Monroe, tendo objetivos industriais e políticos". Intuímos, que de fato tais interesses pudessem ser verdadeiros. Contudo, a documentação da igreja norte americana não nos permite concluir claramente tal fato.

propriedade da comunidade reconstruída com tijolos para servir de dormitório e sala de aula para os futuros alunos”. (REHFELDT, 2003, p. 53).

O seminário seria mantido por meio de cotas pagas pelos membros das diversas comunidades ligadas ao Sínodo Evangélico Luterano de Missouri. Junto a ideia de criação do local já se vinha trabalhando com a implantação de escolas junto as comunidades. Um dos traços marcantes na cisão entre os pastores luteranos americanos e os do Sínodo Rio-Grandense foi a questão da língua. Conforme Rehfeldt (2003, p. 52) “foi nas escolas paroquiais onde se iniciou o trabalho em português”.

Para Steyer (1999, p. 131) “a escolha [entre o alemão e o português] tornara-se uma opção política. O Sínodo Rio-Grandense representava um sínodo vinculado à Alemanha; já o Sínodo de Missouri aos Estados Unidos [ao caráter brasileiro]”. Na visão do autor houve o embate então entre o nacional (correlacionado à identidade americana amalgamada à brasileira) e o patriotismo germânico (difundido pelo Sínodo Rio-Grandense). Sobre a visão dos pastores americanos e dos pastores do Gotteskasten Synode Steyer (1999) afirma, baseado em jornais do período, que:

Não repercute bem que, justamente no momento em que as Caixas de Deus, luteranos unidos da Alemanha, iniciam com sucesso sua atividade no Brasil, também os missourianos entrem em cena (SONNTAGSBLATT, 30.09.1900, *apud* STEYER, 1999, p. 131).

Na perspectiva do Sínodo Rio-Grandense os pastores ligados ao Sínodo Evangélico Luterano de Missouri conseguiam aliciar as pessoas devido aos altos valores de dinheiro enviado pelos Estados Unidos à missão no Rio Grande do Sul. Ao que tudo indica, era mais ameaçador ao Sínodo Rio-Grandense o Sínodo Evangélico Luterano de Missouri do que o Gotteskasten Synode, que compartilhava com ele a identidade germânica junto aos imigrantes e seus descendentes (STEYER, 1999).

Em 1904, vendo a dimensão que a igreja tomara no Brasil – que já em 1902 fundava, com o auxílio americano, o seu primeiro jornal (o *Evangelisch-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suedamerika* - Jornal da Igreja Evangélica Luterana para a América do Sul), o Sínodo Evangélico Luterano de Missouri decidiu emancipar a igreja no Brasil.

Aproveitando-se da presença do pastor L. Lochner (presidente do Departamento de Missão Interna do Sínodo Evangélico Luterano de Missouri) no Brasil e da presença de mais oito pastores, oito delegados leigos e um professor, iniciam-se os trabalhos da Conferencia Geral de Pastores e Delegados Leigos em Rincão de São Pedro (hoje município de São Pedro do Sul) no dia 23 de junho de 1904 às 3h da tarde. Um dia depois, 24 de junho de 1904 L. Lochner e os membros da conferência aprovam os estatutos de fundação de um Distrito Sinodal do Sínodo de Missouri – O Distrito Brasileiro da igreja Evangélica Luterana Sínodo de Missouri, Ohio e outros estados (Der Brasilienische District der deutschen evangelisch-lutherischen Synode Von Missouri, Ohio und andern Staaten).

Sendo então a proposta aceita e eleitos o pastor W. Mahler para presidente, pastor H. Klein para vice-presidente, pastor R. Kern para secretário e o sr. Henry Wilke como tesoureiro, estava posta a semente para a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Em anos subsequentes, a antiga escola para pastores foi substituída por um seminário organizado. O local estratégico seria Porto Alegre (capital do estado), sendo então em 1909 fundado o Seminário Concórdia. Dali partiram pastores para a expansão da igreja por toda a região sul do Brasil (REHFELDT, 2003).

Iniciavam-se assim os conflitos entre a IELB e o Sínodo Rio-Grandense. Como já afirmado, ao que tudo indica, o Sínodo Rio-Grandense teve menores problemas com o Gotteskasten Synode já que ele atendia a comunidades fora do Rio Grande do Sul, o que não impediu que o Gotteskasten Synode tivesse sérios atritos (principalmente no Espírito Santo) com o Oberkirchenrat de Berlim.

Para efeitos deste artigo é válido ressaltar que, em 1923, o então Distrito Brasileiro da igreja Evangélica Luterana Sínodo de Missouri, Ohio e outros estados decide pela fundação de uma Casa Publicadora. Rehfeldt (2003) comenta que:

Em abril de 1923, por ocasião da conferência pastoral da região de Porto Alegre, alguns dos seus membros resolveram fundar uma sociedade para publicações. Aos poucos, eles levantaram o dinheiro necessário. G. Goerl foi contratado em tempo integral. Logo, instalações foram compradas, bem como o maquinário de uma tipografia cujo dono havia falecido e uma encadernadora. Em 1926 ela está imprimindo o Kirchenblatt [jornal da igreja], o Mensageiro Luterano, o Luther-kalender (um anuário para a família que começou a ser publicado em 1925) e os documentos do Distrito Brasileiro, livros textos para escolas, paróquias, hinários, folhetos e outras matérias (REHFELDT, 2003, p. 105).

Se como organização a IELB passa a existir em 1904, somente em 1968 é que o Sínodo Rio-Grandense se une ao Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo dando origem a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Destaca-se que há anos os Gotteskasten utilizavam-se dos documentos e impressos da Editora Sinodal (Rotermund & Co.) o que falcitava a aproximação e fundição dos sínodos. A criação da IECLB coloca fim a existência de duas linhas de luteranismo alemães no Brasil e direcionado-a para uma identidade de manutenção do germanismo e forte apego a traços identitários da cultura alemã entre seus membros e comunidades. Ao contrário da IELB, que primou por um abrasileiramento da igreja e consequente perda identitária de traços germânicos básicos (como a língua alemã e

pomerana), a IECLB prezou a manutenção de tais traços, mesmo após uma série de perseguições sofridas por ambos os lados durante a 2ª Guerra (REHFELDT, 2003).

Ainda hoje dentro da IECLB é possível encontrar diferenças teológicas em seus pastores, devido à miscigenação teológica resultante da união do Sínodo Rio-Grandense e o Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo (mesmo havendo em São Leopoldo a fundação de um seminário unificado para a IECLB).

O conflito entre unionistas e confessionais luteranos no Espírito Santo

Foi em 1846 que o governo brasileiro criou, na então Província do Espírito Santo, algumas colônias para receber imigrantes europeus. A chegada dos pioneiros se deu em datas diferentes. A mais antiga das colônias foi Santa Isabel, fundada em 1847. Emancipada desde 1865, constitui atualmente um distrito do município de Domingos Martins, logo chamado de Campinho, por ser um dos raros espaços planos entre os dois braços do Rio Jucu. Como nos mostra Rochê (1968):

Campinho constitui-se pouco depois de Santa Isabel graças aos colonos protestantes, agrupados ao redor de sua capela, pois, diferentemente do que se passou no sul, a chegada dos protestantes foi mal recebida pelos descendentes de açorianos de Viana; a coexistência com os católicos de Santa Isabel foi tempestuosa. Houve segregação espontânea em função da religião. A importância da religião na vida das colônias afirmou-se, portanto desde a fundação (ROCHÊ, 1968, p. 27).

A colônia de Santa Leopoldina, de onde foram desmembrados o município de Santa Maria do Jetibá e o de Santa Teresa, foi criada dez anos após a de Santa Isabel, ou seja, em 1857. Sobre ela, Rochê (1968) descreve:

Vieram em seguida os holandeses, os tirolezes, os alemães (1858). Desde 1860 os imigrantes alemães constituíam dois terços da população e sua porcentagem foi consideravelmente acrescida pelos contingentes de pomeranos chegados entre 1860 e 1879. A experiência de Santa Leopoldina foi, ao que parece, mais difícil que a de Santa Isabel. A direção da colônia estava estabelecida no ponto terminal da navegação, em Porto do Cachoeiro (hoje Santa Leopoldina, sede do município do mesmo nome) ao passo que os colonos estavam estabelecidos no vale superior, a duas horas a cavalo, em patamares a uns 500 metros de altitude, em terra fria, por conseguinte. A colonização se realizou, igualmente, por uma espécie de

segregação religiosa, instalando-se os católicos em Tirol, os protestantes em Santa Leopoldina de onde se espalharam subindo o vale do Santa Maria (ROCHÊ, 1968, p. 27).

Os pomeranos - indistintamente chamados de alemães ou prussianos pelos brasileiros, até mesmo pelas autoridades responsáveis pelo processo imigratório - se localizaram, principalmente, na parte mais alta do vale, no lugar hoje denominado Santa Maria do Jetibá, mantendo a sua diferenciação enquanto pomeranos, o que lhes delimita e reforça a identidade como grupo étnico. Tudo leva a crer que este grupo tenha se tomado um enclave pois, desde o início, apresentou todas as condições para converter-se em um (BAHIA, 2011).

De origem, quase que exclusivamente camponesa, chegaram em grupos familiares trazendo consigo os objetos domésticos e as ferramentas de trabalho, que lhes foi fisicamente possível transportar para a nova terra. Recriaram no novo território, na medida do possível, as formas organizacionais e os padrões tradicionais de suas comunidades de origem, ou seja, organizaram-se como uma aldeia camponesa pomerana. Tudo isso em um entorno social cuja linguagem e cultura ignoravam - sendo que há informações de que muitos até hoje ignoram - e cuja baixa densidade demográfica dificultava o acesso à sociedade mais abrangente (TRESSMANN, 2005).

A estratégia de trabalho utilizada pelos colonos, desde o início esteve baseada na exploração do trabalho familiar, sendo que a produção que realizavam se destinava a suprir as necessidades de subsistência da família produtora. O que parece é que ao se tomarem auto suficientes enfraqueciam as influências de fatores políticos e administrativos externos à comunidade nos processos de tomada de decisões inerentes ao funcionamento da colônia. A tais fatores há que se somar os resultados da estratégia de preservação desenvolvida por este grupo étnico em seu território de origem e no Espírito Santo: o casamento endogâmico (TRESSMANN, 2005).

No Brasil a imigração tornara-se a solução para um duplo problema: a falta de mão de obra para a agricultura que perdera anteriormente a produção escravocrata e a colonização dos sertões de regiões com Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Pereira (2005) defende a ideia de que também a Europa passava por uma crise de super população e que essa crise juntamente com a não absorção de mão de obra pela indústria (em franca expansão na época) levaram europeus, em sua maioria adultos, a imigrar. Os valores indicados pelo autor são de quase 38 milhões só para os Estados Unidos.

Dessa forma, abriam-se os núcleos coloniais no Espírito Santo. Além dos alemães de 1847, mais e mais grupos étnicos se instalavam em Santa Leopoldina. Os tirolese-austriacos em 1864 já chegavam a 400 pessoas⁷. Quanto aos pomeranos, estima-se que tenham entrado maciçamente em torno de 2,500 a 3,000 pessoas, os números são

⁷ Em 1864 os tirolese recebem o amparo espiritual do padre da Igreja de Queimado (Serra), Adriano Lautschener, conterrâneo dos imigrantes e que se transfere para a região dando cabo a construção da igreja católica do Tirol.

imprecisos. O crescimento da colônia, como observa Schueller (1912, *apud* SEIDE, 1980) é surpreendente: “a taxa de natalidade nas colônias de língua alemã é extremamente alta, enquanto a mortalidade é mínima. Famílias com 12 a 20 filhos são comuns”. Seide (1980) ao citar os dados de Torres Filho aponta que Santa Leopoldina que seria a colônia alemã mais populosa do Espírito Santo, só perdendo no Brasil para Blumenau e Dona Francisca (Santa Catarina). Já ao mencionar os estudos de Sellin, apresenta o valor de 20 a 25.000 imigrantes no Espírito Santo, sendo 10.000 só de alemães.

Ainda dentro da imigração deve-se ressaltar a forte presença da igreja (luterana e católica) como fator de aglutinação social. Logo nos primeiros anos da fixação ela serviu como marco da imigração e apoio para os recém chegados da Europa. Volbrecht e Schaeffer (1982) defendem a ideia de que, por muitos anos, ela foi o centro da vida social dos colonos:

As festas de igreja eram, sem dúvida, uma atração muito especial para a população que tinha quase nada de lazer e de diversão. Estas festas estavam geralmente ligas às datas de inauguração do templo, ou então eram festas de ações de graça pela colheita. Mas não devemos esquecer que o centro das atenções era o culto dominical. Era a momento de encontro, da troca de novidades, das conversas. Num mundo onde a comunicação existente era unicamente a venda e a igreja, esta última tinha um papel preponderante no sentido de ser o lugar onde se trocavam as últimas novidades e se fazia planos. Pode-se afirmar, sem medo de errar, que a Igreja era o mais importante lugar de encontro da população agrícola. O culto era apenas uma parte, talvez a mais importante deste encontro. Lá os colonos aprendiam como deveriam viver e conviver. Até hoje a participação nos cultos é muito grande entre os colonos pomeranos. Só o fato de que muitos vêm com duas horas de antecedência à Igreja, mostra que ainda hoje a Igreja é o local de troca de informações, de encontro e de convívio (VOLBRECHT e SCHAEFFER, 1982, p. 33).

Seide (1980, p. 05-06) também relata o poder que a Igreja teve na vida social das Colônias:

A expansão da Colônia de Santa Isabel seguiu em direção sudoeste e oeste. De Santa Isabel e de Campinho, os renanos subiram o braço sul do Rio Jucu e de seus afluentes até Pedreiras, chegando à margem direita do braço norte do mesmo rio. Esse curso d'água representava a divisa entre a

Colônia dos renanos que entraram por Santa Leopoldina. Esse divisor natural foi sempre respeitado. Mas nem tanto. Contam os antigos, e os registros das Igrejas Luteranas da região o comprovam, que já a primeira geração de brasileiros desrespeitou a linha, se bem que de modo não convencional. Aconteceu que os renanos tiveram mais filhos homens que moças e entre os pomeranos havia excesso de moça casadoiras. Numa festa da Igreja Luterana de Rio Ponte, os moços do lado direito do rio encontraram as louras “mädchen” do outro lado, no campo delas. O resultado foi o esperado. Dali para frente, muitos meninos e meninas, na região dos renanos, falavam o dialeto pomeranos da mãe loiríssima que seu pai tinha conquistado no encontro do Rio Ponte, onde as festas de confraternização ainda se realizam por algum tempo. Assim, alguns hunsrückers mais práticos adquiriram terras do lado oposto do rio, entre os pomeranos, integrando-se a eles também, como as outras minorias de Santa Leopoldina (SEIDE, 1980, p. 05-06).

Assim como no sul do Brasil, as igrejas eram responsáveis também pela organização de escolas paroquiais para o ensino de alemão para os serviços religiosos, bem como de uma mínima base de matemática e outras ciências para a vida prática na agricultura.

Para fins deste estudo deve-se salientar que não houveram conflitos entre o Sínodo Rio-Grandese (que nunca atuou no estado) e a então formada IELB (fundada em 1904), mas sim entre o Evangelischen Oberkirchenrat Berlim, o Gotteskasten Synode e a IELB.

Dentro da Colônia de Santa Izabel vale destacar a vida dos pastores Held e Eger junto com os colonos protestantes em 1847. Contudo, ambos falecem anos depois, passando então a colônia a ser atendida pelo Evangelischen Oberkirchenrat Berlim. A primeira igreja luterana em solo capixaba é inaugurada em 20 de maio de 1866, localizada na atual praça Dr. Arthur Gerhardt (em Campinho, hoje distrito sede do Município de Domingos Martins).

Os alemães, pomeranos e holandeses que imigraram para Santa Leopoldina também passaram a ser atendidos pelo Evangelischen Oberkirchenrat Berlim, tendo seu primeiro templo, localizado no distrito de Luxemburgo, inaugurado em meados dos anos de 1860. Passa-se a denominar de Igreja Luterana Luxemburgo I, tendo em vista a construção de templos nos Distritos de Jequitibá, Belém e Alto Recreio, (que recebiam a denominação de Luxemburgo II, III e assim sucessivamente).

Com o tempo e as altas taxas de crescimento acima descritas, em menos de 50 anos toda a região original das Colônia de Santa Izabel e Santa Leopoldina, denominada

por Rochê (1968) de Terras Frias estavam totalmente colonizadas por imigrantes e seus descendentes. Iniciava-se uma marcha rumo ao norte do Espírito Santo via região central do estado (denominado pelo autor de Terras Quentes). Assim, logo Afonso Cláudio, Baixo Guandu, Laranja da Terra e Colatina (entre outros municípios) já dispunham de colônias de descendentes e imigrantes alemães. A figura 1 apresenta o mapa elaborado pelo historiador.

Há uma exceção neste percurso: o distrito de 25 de Julho no município de Santa Teresa. Fundado em 20 de maio de 1877, inicialmente por imigrantes suíços, posteriormente recebeu imigrantes alemães, pomeranos, holandeses e poloneses. A colônia consta como último local a receber imigrantes germânicos em terras capixabas.



Figura 1. Mapa das principais colônias alemãs no Espírito Santo, conforme Jean Rochê.
Fonte: ROCHÊ (1968. p. 18).

Sobre 25 de Julho relata Müller (2000, *apud* GRÜTZMANN, 1992, p. 04): "Vinham da Suíça e da Alemanha e também traziam o concurso dos braços para a obra do nosso progresso e da nossa civilização. Tomaram pela estrada do Timbui e a 20 de maio levantaram barraca no virgem vale, que devia chamar-se 25 de julho". O nome do distrito é uma referência direta a data de chegada dos primeiros colonos alemães ao Rio Grande do Sul em 1824. É de 25 de Julho que será iniciada uma outra marcha rumo ao norte do estado em busca de novas terras para acomodar o número crescente de filhos dentro das famílias de origem germânica do local.

Desta forma duas correntes de expansão são percebidas no Espírito Santo: uma que seguiu pela região serrana descendo por Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Baixo Guandu e, entrando por Minas para ultrapassarem o Rio Doce em Resplendor, entraram novamente no Espírito Santo por Pancas. A outra desceu de 25 de julho e Santa Maria do Jetibá rumo a Itarana, Itaguaçu e Colatina (principalmente nos distritos de Baunilha, Barracão de Baunilha e Córrego da Ponte), ficando restrita temporariamente até 1928 quando há a inauguração da ponte sobre o Rio Doce, dali se expandem para Bela Aurora, ainda em Colatina, Novo Brasil, Vila Valério, São Gabriel da Palha, Vila Pavão e Nova Venécia (PEREIRA, 2005).

Logo após a expansão começaram então os problemas com as congregações centrais que não queria perder seus membros e não lhes permitia organizar congregações ou paróquias, obrigando alguns membros a andar até 06 horas para batizar seus filhos (GRÜTZMANN, 2002).

Abre-se assim um problema para os luteranos no Espírito Santo: como manter-se ligado a uma igreja que ficava tão longe de suas localidades e como aceitar a negativa da cessão de pastores para a fundação de novas igrejas e paróquias? A solução é encontrada pela comunidade de Palmeira Santa Joana (atual município de Itaguaçu). Alguns membros leram folhetos distribuídos pelo Gotteskasten Synode naquela região. Escreveram, então, uma carta para o Seminário Luterano de Kropp (Alemanha) e em 1901 receberam seu primeiro pastor, Philip Peters. Logo Peters passou a atender a comunidade de Santa Maria de Jetibá, que tinha o mesmo problema já que a Igreja de Luxemburgo I não lhes permitia a fundação de uma paróquia. Não desejando se transferir para Santa Maria de Jetibá (que era uma comunidade extremamente maior que a de Palmeira Santa Joana), o pastor Peters conseguiu dois anos depois a vinda para Santa Maria de Jetibá do pastor Heinrich Wrede, seu cunhado.

Ainda na região de Palmeira Santa Joana, o pastor Peters leva a cabo a construção da Igreja Luterana de 25 de Julho (distrito de Santa Teresa). A inauguração ocorre em 18 de maio de 1902. Há um destaque para este distrito: a fundação e manutenção de uma escola de alemão dirigida pelo Sr. Anton Blaser (no período de 1891 a 1939), sendo as terras da escola quitada pelo Sr. Richard Wagner no ano de 1893.

Sobre a escola e seu funcionamento Grützmann (2002, p. 11) relata que "as aulas eram somente em alemão e o material didático vinha da Suíça ou da Alemanha. Mais tarde a escola passou a utilizar material [...] editado no Rio Grande do Sul [Editora Sinodal, Sínodo Rio-Grandense]".

Voltando-se a Santa Izabel percebe-se o mesmo problema: as congregações mais afastadas de Campinho sofriam pela falta de pastores e pela distância com a igreja sede da paróquia. A comunidade de Sapucaia (atual Rapadura) pede auxílio ao pastor Wrede de Santa Maria. Esta começou a atendê-los em 1914 (SEIDE, 1980). Um fato que merece destaque é a filiação da igreja de Rapadura ao Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, deixando de pertencer à organização de Berlim.

Já havendo quatro congregações que formavam a paróquia de Sapucaia e uma casa pastoral, decide-se por instalar um pastor próprio na igreja. Isso ocorre em 27 de julho de 1924 na figura do pastor Leonhard Hörsch. Sua chegada e expansão dos trabalhos do Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo fez surgir graves atritos com as igrejas do Evangelischen Oberkirchenrat Berlim de Campinho e Califórnia, que sentiam-se "roubados" pelo sínodo bávaro.

A partir desta ação, intencional em sua essência, podemos lançar mão do conceito de agência para a compreensão dos motivos da mudança da igreja para o sínodo bávaro. Sztompka (1998, p. 329) afirma que o conceito pode ser entendido como o "poder de estruturar relações sociais, de alterar o 'tipo de jogo' em que se engajam os atores, de manipular e modificar a distribuição dos recursos e condições que governam as intenções ou trocas entre os atores envolvidos".

Podemos perceber a "estratégia" adotada como uma prática consciente que é contextual e historicamente formada. Ou, como afirmam Sauerbronn e Faria (2011):

A estratégia assume o significado de prática quando percebida como uma realização cultural coletiva alcançada (ou construída) por meio do envolvimento de práticas sociais, disposições, tendências e propensões que são histórica e culturalmente transmitidas (SAUERBRONN & FARIA, 2011, p. 57).

Do exposto, nos fica claro que a Igreja de Sapucaia conseguiria maximizar seu capital social, aqui pensado como o religioso, ao adotar um sínodo que lhe oferecesse pastores, ao mesmo tempo em que diminuiria suas perdas com o afastamento de sua igreja sede (que em sua leitura lhe causava prejuízos em seu funcionamento). Como afirma Sztompka (1998) isso seria um exemplo de ação em conjunto dos indivíduos relacionados à situação e não apenas de um único ator social no jogo de interesses.

Instaurado o conflito entre as duas alas de luteranismo (tendo em vista que no mesmo período o Sínodo Rio-Grandese se digladiava com o Sínodo Evangélico Luterano de Missouri no sul do Brasil), ambas as partes luteranas no Espírito Santo decidem-se por um acordo. O pastor Röhlke (sucessor de Wrede em Santa Maria de Jetibá) representando o Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo e o pastor Langholf, Presidente Distrital do Oberkirchenrat Berlim no Espírito Santo em 11 de novembro de 1925 assinam, em Santa Maria de Jetibá, um acordo no qual o Rio Santa Maria da Vitória (que cortava o município de Santa Leopoldina) seria o marco divisor: o

Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo trabalharia ao norte, enquanto o Oberkirchenrat Berlim no Espírito Santo trabalharia ao sul. A ideia defendida por ambas as partes não era de cunho religiosos (unionismo ou luteranismo confessional), mas sim uma organização prática do trabalho luterano no estado. Na figura 2 apresentamos a divisão aproximada definida pelo acordo.

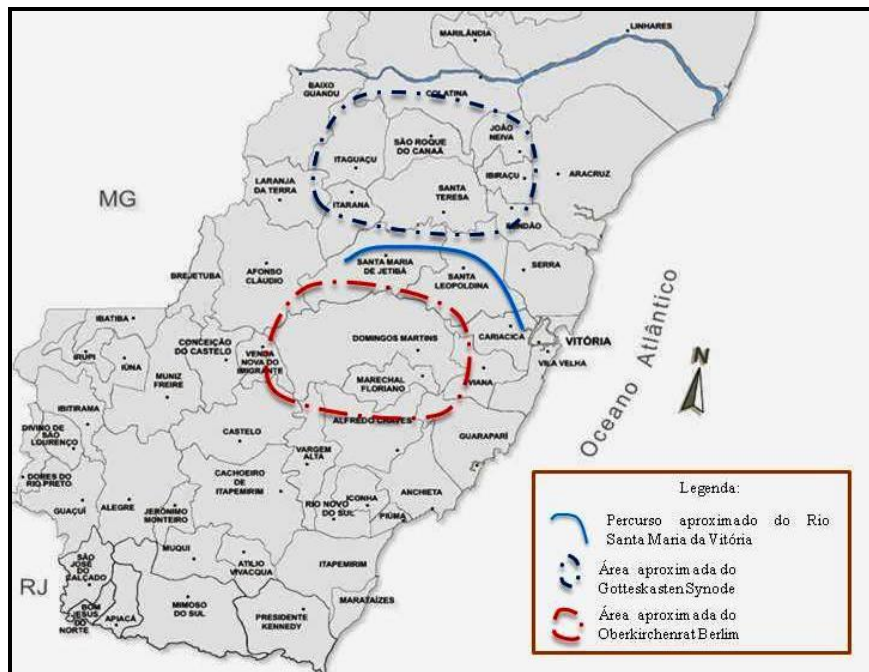


Figura 2. Mapa representando a divisão entre as alas alemãs de luteranismo no Espírito Santo.

Contudo, em Sapucaia o pastor Hösch e os líderes da paróquia não viram com bons olhos a divisão. O fato é que nenhum pastor poderia passar a atender o lado que não fosse o seu, desta forma muitas comunidades ficaram sem pastores por conta da divisão geográfica da atuação das linhas de luteranismo e, em médio prazo, muitas igrejas ficariam sem pastores já que eles poderiam receber chamados para outros locais do Brasil.

Este segundo motivo atinge a igreja de Rapadura. O pastor Hösch havia recebido um chamado para assumir uma comunidade em São Paulo. Prevendo que o pastor pudesse aceitar o chamado, as lideranças da Paróquia de Sapucaia encarregaram o Sr. Augusto Damm de escrever uma carta para a IELB. O direcionamento da carta se deve ao consumo de bíblias, hinários e outros materiais publicados pela Casa Publicadora Concórdia naquela igreja. Por intermédio desta editora, o Sr. Damm escreveu uma carta

na língua alemã para o então Presidente da IELB, Conrad T. Lehenbauer, em 20 de fevereiro de 1928. Depois de uma breve introdução relata ao Presidente da IELB:

A congregação Evangélica Luterana de Sapucaia pertence desde 1914 ao sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados. Desde 1924, ela tem o seu próprio pastor deste Sínodo. Ela conta com 4 filiais, além da congregação. Toda paróquia tem 95 famílias" [Tradução livre] (DAMM, 1928, p. 1).

A carta segue descrevendo a igreja (estrutura), as filias, os sinos, o harmônio da sede e o cafezal que ela possuía (fonte de renda para o pagamento dos honorários do possível pastor que viesse a assumir a paróquia). Então, diz textualmente a carta:

Toda a paróquia quer afiliar-se ao seu Sínodo. Há vários anos foram introduzidos na congregação sede e numa filial, o hinário de seu Sínodo, além do Catecismo e o livro de histórias bíblicas. Em novembro de 1925, o Distrito de nosso Sínodo fez um acordo com os pastores do Oberkirchenrat de Berlim, em que o marco divisor do campo de atuação é o rio Santa Maria, ficando o Oberkirchenrat à Leste e o Gotteskasten à Oeste. Há dois anos nosso pastor luta contra isto. Depois de recusar vários chamados, agora ele quer aceitar outro chamado. O Gotteskasten não nos fornece mais outro pastor, por causa do acordo. Do Oberkirchenrat nós não queremos nenhum, pois não queremos mais saber deles. Não queremos voltar mais para os Unidos [Igreja Unificada Alemã - Oberkirchenrat de Berlim], mas queremos permanecer na nossa confissão evangélica luterana. Ajude-nos, por favor, enviando-nos um pastor experiente de seu laudabilíssimo Sínodo [Tradução livre] DAMM, 1928, p.2).

Em resposta, o presidente da IELB, Conrad T. Lehenbauer, faz inicialmente várias recomendações. Quanto ao chamado, disse que cada congregação é autônoma e não depende de interferência do distrito, mas teriam que emitir um chamado formal à IELB. Também teriam que estar completamente desligados de qualquer outra igreja e os dois lados (IELB e Paróquia de Sapucaia) teriam de certificar-se de que realmente são luteranos, segundo apenas os ensino bíblico e os de Lutero.

Em 30 de maio de 1928 a paróquia toma uma decisão final. Numa assembleia paroquial extraordinária o pastor Hörsch comunicou oficialmente sua saída, dando como termino do trabalho o dia 1º de julho. Ele informava ainda que a comunidade não

precisaria se preocupar, pois o Oberkirchenrat Berlim no Espírito Santo assegurou-lhe o envio do pastor Grätsch, de Campinho, para atender a paróquia.

Há grande reviravolta durante a assembleia já que os líderes e membros da igreja informaram ao pastor Hörsch que já haviam tentado contato com o pastor Grätsch e este - pela saída da comunidade do sínodo Berlim no Espírito Santo para o bávaro e possível retorno aos cuidados da igreja de Campinho - não atenderia àquela comunidade. O mesmo acontecera com o Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, que negara um pedido de pastor devido ao acordo realizado em 1925. Sendo assim nenhum dos dois lados colocou-se a disposição da Comunidade de Sapucaia. Por isso, já tinham pedido, via intervenção do Sr. Damm, um pastor ao Sínodo de Missouri (IELB) e esta havia se prontificado a ajudá-los.

O líder e professor da igreja de Rapadura, Sr. Calos Faller, propôs a comunidade que fosse votado, aprovado e registrado em ata o desejo de filiação à IELB. A aceitação foi unânime da comunidade e a diretoria da igreja responsabilizou-se de tomar as devidas medidas para a filiação ao Sínodo Evangélico Luterano do Missouri (DAMM, 1928b).

A primeira atitude a ser tomada era o desligamento da comunidade do Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Fato realizado em carta enviada ao representante distrital do sínodo, pastor Berghold:

O Sr. Pastor Hörsch nos apresentou um chamado para São Paulo e nos disse que deixaria esta paróquia até o dia 1º de julho deste ano [1928], no interesse do Sínodo, por causa do acordo de Santa Maria. A paróquia protesta veemente contra estas decisões, quando, sem nos consultar, nos entregam ao Evangelischen Oberkirchenrat. O que o sínodo fez é injusto e está em desacordo com os estatutos do Sínodo. A Paróquia Evangélica Luterana de Sapucaia, por isso, declara seu desligamento imediato do Sínodo de Santa Catarina, Paraná e outros estados e pede atenciosamente que lhe seja enviada, o quanto antes, a sua carta de desligamento[Tradução livre] (DAMM, 1928, p. 2).

Em 10 de junho, o presidente da IELB, Conrad T. Lehenbauer escreve longa carta em que confirma o recebimento do chamado e do desligamento do Gotteskasten. Então expõe detalhadamente os deveres do pastor e das congregações para com a palavra de Deus e as Confissões Luteranas. Lembra que, nenhuma congregação deve assinar estatutos que não estudou bem, e que nenhum pastor aceitaria um chamado de uma congregação sem conhecer a posição desta em relação ao ensino e praxe da Igreja Luterana (IELB). O pastor finaliza a carta informando que haveria uma visita por parte de um pastor da IELB a Comunidade de Sapucaia para iniciar conversações e a possível filiação desta (REHFELDT, 2003).

Em abril de 1929 chega a Sapucaia o pastor da IELB Rodolfo Hasse para os referidos contatos da carta de Conrad T. Lehenbauer. No dia 19 daquele mesmo mês ele se reúne com a diretoria da igreja na finalidade de filiar a Paróquia de Sapucaia a IELB. A base de união de ambas as partes seria a palavra de Deus e as Confissões Luteranas, fazendo em seguida uma exposição do funcionamento da IELB e de seus estatutos (REHFELDT, 2003).

Estando a diretoria paroquial convencida pelo pastor Rodolfo Hasse da seriedade do trabalho da IELB e de seu caráter confessional luterano, decidem-se pela filiação. No dia seguinte, 20 de abril de 1929, é realizada uma assembleia paroquial extraordinária, na qual é exposto à comunidade o que fora até então debatido e votado pela aceitação ou não da filiação à IELB. A comunidade é favorável e lavra um pedido formal de pastor para Sapucaia.

Após a assembleia foram realizados cultos, batizados e casamentos pelo pastor Rodolfo Hasse em toda a paróquia. Sendo destaque, dentro do contexto deste estudo (que afirma o caráter de nacionalização da igreja luterana por parte do Sínodo dos Estados Unidos contra a manutenção de um germanismo por parte dos outros Sínodos) a realização, em 29 de abril de 1929 o primeiro culto em língua portuguesa naquela paróquia (o que pode ser considerado o primeiro culto luterano em língua portuguesa no Espírito Santo, mesmo num contexto onde os membros de Sapucaia falavam francamente o alemão ou, em menor número ou quase inexistente, o pomerano).

Novamente, a teoria da agência pode ser evocada para dar sentido a adoção do português como vernáculo oficial dos serviços religiosos. Giddens (2003) argumenta que as práticas sociais são construídas e reconstruídas por meio de ação humana intencional e não intencional, em processos de interação social que geram consequências premeditadas e não premeditadas. Talvez não fosse esperado a adoção do português numa comunidade de germânicos, mas o ganhos que esta ação teria, vinculados ao recebimento de serviços religiosos, seria mais vantajoso à Comunidade Luterana de Sapucaia. Os resultados superam a tradição dos cultos na língua alemã e o apego a esta, aparentemente, foram colocadas em segundo plano na adoção dos pastores do sínodo ligado aos Estados Unidos e ao confessionismo luterano.

Por parte da IELB o pastor Emilio Schmidt aceitou o chamado da Comunidade de Sapucaia em setembro de 1929, chegando a Rapadura (novo nome do distrito de Sapucaia por decisão municipal) em outubro de 1929, "tornando-se o primeiro pastor do Sínodo de Missouri a residir no Espírito Santo" (REHFELDT, 2003, p. 108).

Após sua instalação os conflitos identitários entre o Sínodo de Missouri e o Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo se agravam, pois ambos se declaravam confessionais luteranos. Contudo, sem reconhecer um ao outro como igreja organizada. Ao que tudo indica, o Oberkirchenrat Berlim não entrou nesta disputa, tendo em vista que sua área de atuação era mais centrada em Domingos Martins, enquanto que o Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo e o Sínodo de Missouri passaram a atender as comunidades luteranas em

Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Baixo Guandu, Colatina, Itarana, Itaguaçu, Pancas e Vila Valério.

Ao longo dos anos subsequentes de conflito e convivência entre o sínodo norte americano e o bávaro dentro do Espírito Santo convencionou-se chamar os luteranos filiados à IELB de Missouri (alusão ao Sínodo Evangélico Luterano de Missouri) por parte dos membros do Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo e de Gotteskasten aos membros de igrejas luteranas não filiadas à IECLB (Gotteskasten Synode e Oberkirchenrat unificados em 1968).

Como forma de diferenciar os pastores e igrejas (já que ambas se declaravam, como acima descrito, confessionais luteranas), os pastores de origem no sínodo bávaro passam a assinar "Pastor Evangélico Luterano" utilizando-se de um carimbo da Comunidade, que legitimava a igreja quanto a sua filiação e a diferenciava dos missourianos. A ação foi seguida pela IELB, mas sem a adoção do carimbo.

Conforme Sauerbronn e Faria (2011, p. 62): "a agência humana é vinculada a posições singulares, ação individual (no nível micro) e estrutura (no nível macro)". Isto torna-se perceptível no uso dos carimbos ou mesmo na manutenção do alemão como língua franca nos cultos das igrejas vinculadas aos sínodos alemães. Ao mesmo tempo, podemos aplicar às ações adotadas o conceito de codeterminação (CHILD, 1972; 1997), nele

Estratégia que as organizações não são sistemas naturais ou racionais, mas também um fenômeno inerentemente político. Os estudos inspirados nesse conceito argumentam que a organização é, simultaneamente, insumo (para) e produto (de) escolhas realizadas tanto por indivíduos quanto por dinâmicas de interação nos grupos (SAUERBRONN & FARIA, 2011, p. 64).

Assim, as escolhas realizadas por uma ou outra identidade luterana refletem as ações políticas com fins específicos para os agentes envolvidos em uma disputa ou no seu cotidiano. Filiar-se a determinado ramo de luteranismo tornou-se mais uma ação política para a sobrevivência da igreja (e a consequente manutenção de serviços religiosos) do que apenas um apego aos dogmas teológicos luteranos.

Isso será decisivo para os eventos relacionados à perseguição dos descendentes germânicos durante a Segunda Guerra Mundial. Como afirma REHFELDT (2003) as igrejas que adotaram o português e nacionalizaram o culto luterano sofreram menores perseguições do que aquelas que mantiveram o vernáculo alemão e uma forte identidade germânica. Como afirma Beck (1994) e Marlow (2014), a política de Vargas centrou-se mais na perseguição a possíveis espiões nazistas do que a pastores com identidade ligada aos Estados Unidos. Para Marlow (2014) os pastores alemães ou mesmo comunidades com forte apego ao germanismo poderiam ser focos nazistas em solo brasileiro e

servirem como pontes para a disseminação dos postulados políticos e ideológicos do nazismo.

A não identificação germânica levou a uma menor perseguição da IELB, tendo em vista que sua diretriz nacionalista havia diminuído em muito o caráter alemão da igreja luterana, o que possibilitou passar pela guerra com menores perseguições do que as infringidas aos pastores de origem alemã - prisões e deportações (REHFELDT (2003; MARLOW, 2014).

Com a união de todos os ramos luteranos não ligados aos Estados Unidos em 1968 (a IECLB), o uso do carimbo da comunidade foi mantido como forma de ligação identitária com o passado e como mantenedor de marco divisor entre as duas igrejas. Adotando identidades e teologias diferentes, os dois ramos do luteranismo convivem até a atualidade no Brasil, possuindo graus maiores ou menores de interação ou mesmo de reconhecimento como luteranos. Isso pode ser indicativo que as divergências longe de ser encerrarem apenas amenizaram-se com a concorrência que surgia com as outras denominações evangélicas e pentecostais que se espalhavam pelo Brasil.

Considerações finais

Notamos que a formação do luteranismo capixaba, e por extensão no Brasil, constituiu-se como um palco de disputas entre leituras teológicas do legado do reformador Martinho Lutero e, ao mesmo tempo, por membros e igrejas que rendessem maior número aos sínodos em formação.

Longe de ser um processo pacífico, pudemos observar como ele foi permeado de elementos identitários que permitiam às igrejas adotar tons mais ou menos próximos aos aspectos teológicos e também aos identitários alemães ou norte-americanos reelaborados no Brasil. Por outra leitura, demonstra a agência das igrejas para a captação de membros e de pastores para seus serviços religiosos.

O caso capixaba demonstra como elementos não apenas religiosos foram acionados em uma arena de interesses na perpetuação de uma cultura religiosa ou de uma história religiosa, hora mais próxima a Lutero, hora mais afastada deste. Permite-nos ainda notar como o desenvolvimento desta religião não foi um processo pacífico ou mesmo linear, sendo gerido por meio de conflitos que permitissem a expansão do luteranismo junto aos imigrantes alemães e seus descendentes. Cabe, portanto, a história, aliada como neste caso a antropologia, desvelar estes processos, esclarecendo como eles são constituintes da própria identidade e da narrativa histórica dos processos de imigração no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, Graça. *O Canaã*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- BAHIA, Joana. **O tiro da bruxa**. Identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BECK, Nestor L. J. *As origens da Universidade Luterana do Brasil*. Canoas: ULBRA, 1994.

- BITUN, Ricardo. "Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios". In: *Revista Caminhando*. V. 14, n. 2, jul./dez. 2009, p. 55-65.
- BLOCH, M. *The historian's craft*. New York: Vintage Books, 1953.
- BOURDIEU, P. *The logic of practice*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- CHILD, J. "Organization structure, environment and performance: the role of strategic choice". In: *Sociology*. V. 1, n. 6, 1972, pp. 1-22.
- _____. "Strategic choice in the analysis of action: structure organizations and environment: retrospect and prospect". In: *Organization Studies*. V. 18, n. 1, 1997, pp. 43-76.
- DAMM, Augusto [Carta]. 20 fev 1928, Espírito Santo [para] LEHENBAUER, C. T., Porto Alegre. 3f. *Carta de pedido de envio de pastor por parte do Synodo Evangélico Luterano do Brasil*.
- DAMM, Augusto. [Carta]. 30 mai 1928b, Espírito Santo [para] HÖRSCH, Leonhard. Espírito Santo. 2f. *Carta de desligamento do Gotteskasten Synode dos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo*.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. "Religião e memória: afirmação da memória institucional da Igreja Assembleia de Deus no Brasil". In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano V, n. 13, Maio 2012, p. 272-284.
- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808 – 1824 – 1974*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1980.
- GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. "Culture, Power, and Place: Ethnography at the End of Era". In: _____ (org.). *Culture, Power, and Place: Explorations in Critical Anthropology*. Durham e Londres: Duke University Press, 1997, pp. 1-29.
- GRÜTZMANN, Geraldo. *Centenário da Igreja Luterana em 25 de Julho – Santa Teresa – 1902-2002*. Santa Teresa: Gráfica São Geraldo, 2002.
- HÄGGLUND, Bent. *História da teologia*. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1999.
- HASSE, Paulo (Trad). *Crescendo em Cristo*. 9. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1986.
- HOBBSAWN, Eric. *A Era das revoluções: 1789 – 1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.
- LUTERO, M. Exortação à paz: Resposta aos Doze Artigos do Campesinato da Suábia. In: *Obras selecionadas*. V. 6. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 304-329.
- MARLOW, Sergio Luiz. "A perseguição a luteranos durante as décadas de 1930 e 1940 no Brasil: O caso do Sínodo de Missouri no Rio Grande do Sul". In: *Revista Horizonte*. Belo Horizonte. V. 12, n. 33, jan./mar. 2014, p. 121-140.
- PACHECO, Renato. "Os primeiros anos – Conflito nas colônias agrícolas espírito-santenses, 1827-1882". In: *Estudos em homenagem a Ceciliano Abel de Almeida*. Vitória: FCAA, 1978, p.123-148.
- PEREIRA, R. 2005. *Análise e conservação do Patrimônio Cultural de Santa Leopoldina: soluções para a crise de identidade do município*. 240 f. (Monografia - Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Espírito Santo. 2005.
- PERFIL DA ALEMANHA. Societäts Verlag, Frankfurt. 2000.

- REHFELDT, Mário L. *Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*. Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 1.
- ROCHÊ, Jean. *A colonização alemã no Espírito Santo*. São Paulo. Difusão europeia do Livro, 1968.
- SAHLINS, Marshal. *Anabulu: The Anthropology of History in the Kingdom of Hawaii: Historical Ethnography*. Chicago: University of Chicago Press, v. 1, 1992.
- _____. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (parte I). In: **Mana**: Estudos em Antropologia Social. Rio de Janeiro, ano 3, n. 1, p. 41-73, 1997.
- SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras; FARIA, Alexandre de Almeida. "A agência em estratégia: conectando prática social e codeterminação". In: *RAM - Revista de Administração Mackenzie*. V. 12, n. 6, Ed. Especial. São Paulo/SP. Nov/Dez. 2011, p. 49-75.
- SEIDE, Frederico Herdmann. *Colonização alemã no Espírito Santo*. [Texto inédito produzido em 1980 por encomenda de Fernando Achiamé para a Enciclopédia Histórica Contemporânea do Espírito Santo, não editada].
- STEYER, Walter O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900-1904*. Porto Alegre: Singular, 1999.
- SZTOMPKA, P. *A sociologia da mudança social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- TRESSMANN, Ismael. *Da sala de estar à sala de baile. Estudo etnolinguístico de comunidades pomeranas do Espírito Santo*. 335 f. (Doutorado em Linguística). Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- VOLLBRECHT, Edgar; SCHAEFFER, Dário Geraldo. *Resumo histórico dos cem anos de existência da Igreja de Jequitibá – Município de Santa Leopoldina*. Vitória: Mimeo, 1982.
- WAGEMANN, Ernst. *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949. (Boletim Geográfico, separata dos ns. 68, 69 e 70, nov. e dez. 1948 e jan. 1949)